Número 292 — GUIMARÃES, 28 de Setembro de 1930 — Ano 6.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO RÈPUBLICANO PORTUGUÊS

Director, Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Emprêsa de *A Velha Guarda*

Editor, Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

No XV.º Congresso de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica

Guimarães recebe hoje em seu seio os ilustres congressistas, na sua quàsi totalidade estrangeiros, ao XV.º Congresso de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica e que a esta cidade vieram prestar homenágem à memória do inclito vimaranense e sábio ilustre que foi ***Martins Sarmento.***

Para nós é causa de orgulho esta visita de duplo significado: evocação e homenagem.

Sensibilisa-nos profundamente e, como filhos amantíssimos de Guimarães, cumpre-nos agradecer êste passo sincero e nobre.

Bemvindos sejais! Muito obrigados!

«.....

Admirável resistência essa, a do velho cavador! Consubstanciava o génio de unificação e continuïdade. Vingara manter o fundo étnico do povo, em que porventura se encontravam ainda fortes vestígios do rude bárbaro, possante e sonhador, da idade da pedra polida e dos metais. Defendera-se no alto das citânias, em peleja de feras, contra o redemoinho das invasões acossantes—signo hereditário do guerreiro português, maltrapido e heróico! Aprendera na escola do romano, durante quatro centúrias de anos, a laborar a quintana, e a disciplina jurídica, que dava mais a fórmula do que a essência à sua fé nos contratos—mas não abdicara do carácter independente, e continuara cultivando a liberdade, sua condição primitiva. Salvara depois a herança dessa civilização, modelada ao seu feitio, afeiçoada no seu lar, ou impusera-a aos novos ocupadores, suevos e godos. E entrando assim, já com muitos séculos de personalidade, no despontar da História Nacional, fôra ainda ou por isso êle, o povo agreste, que lhe dera alardo e baptismo, músculo e grito, firmeza e impulso, lança e charrua, objectivação e idealidade, correndo á sua frente o árabe e, partindo do norte, conquistara o sul a Portugal, ainda na mesma arremetida com que, no período asturiano, o desbaratara e repelira no frémito das suas perigosas investidas.

Por um transcurso de tempo que tanto mais se dilata quanto mais se procura—oh! simples bendito!—, na anonimia da labuta donde germina o grão e se acende a luz, enterrado e confundido na sua miséria com o grave silêncio da terra, era verdadeiramente o alicerce, tôsco e gigante, em cuja fé invencível e amor ao arado se baseava, erguia e perdurara o monumento pátrio. Ele, a fôrça lenta e segura, a vida constante e renascente, a certeza na adversidade, a história obscura, que fica, contra a história que passa, brilhante, versátil, efémera.

Até onde podiam remontar as investigações desta genealogia do humilde, iam encontrá-lo fortificado nos crastos, em núcleos próximos, dispostos como nós de uma linha estratégica pelos côtos da serra. Enormes lapas, resvalando pelas espaldas, acordam a lembrança dos combates contra os repetidos assédios de vizinhos e investidas de rapina.

Uma dupla ou tríplice cinta de grossas muralhas fechava o monte pela banda mais fácil à escalada. Ali edificara sua casa de granito, circular ou quadrilonga, coberta de côlmo ou erva sêca, a porta baixa jogando em coções — semelhante no rudimento e desconfôrto à sua habitação actual—, com a argola de pedra para a prisão do gado e a pia tôsca. Essas casas formavam pequenos grupos de família ou de classe, ao longo das ruas ladrilhadas, até à praça maior, onde mais tarde se levantara a residência do chefe da tribu, talvez apenas de carácter militar, o futuro dóminus. Ali se pleiteavam os interêsses comuns, cuidados da pastagem, repartição das colheitas, da caça, e da pesca nos barcos de coiro, obrigação da vigilância, sorte das pelejas, questões íntimas — e faziam os sacrifícios aos deuses, auscultando as estranhas das vítimas, o pulsar das suas veias. Sôbre a pira formada de nodosos robles, esgalhados na floresta amiga e tenebrosa, incineravam, pela algidez, do luar, os cadáveres dos heróis, fazendo ressoar no vale fundo, enxarcado de águas murmurantes, o seu canto religioso, em tremor e cólera, enquanto as virgens de corpos flexíveis e robustos seios nascentes dançavam como espiras de lume enroscadas nas serpentes do fumo resinoso.

Francisco Martins Sarmento

Comia pão de glandes ou de castanhas, moído em grosseiras nós de pedra, e bebia cerveja de cevada. Os oleiros amassavam o barro, a terra viscosa, o lôdo das chuvas. Davam-lhe a forma de lucernas, tam semelhantes às que ainda hoje iluminam o seu lar de camponês. Ensilvavam as vasilhas funerárias de riscos de um desenho tenteante e suave, geometria rudimentar de linhas simples, os púcaros e gomis de uso doméstico, as ânforas e cálices das bebidas fortalecentes, que serviam nas sestas ardorosas ou nos grandes banquetes, depois de uma farta caçada, para solenizar um combate truculento. Outros esculpiam figuras de animais, divinizados pela alegria da criação artística, companheiros, auxiliares, e a apetecida presa nas sortidas de caça, quando se emmaranhavam na selva dos arriscados vales. Lá em baixo as águas estendiam-se adormecidas ao pêso da invernia; acordavam por vezes em fragor de tempestade; cantavam a frescura alegre das cascatas, ou iam vagueando queixumes para o deserto do mar — talvez o mar saudoso de aventuras de outras eras, mais afastadas e perdidas, saudoso e ondulante como aquelas penhas dos crastos. Rasgavam a pedra de sinais, doces ao sentimento, envolvidos no mistério das primeiras e ainda hesitantes lucilações da imaginação: a rosa coruscante das estrêlas de seis pontas, o resplendor do sol tornejando do nascimento ao ocaso, a suástica fria ou graciosa, que vem desenhando a nossa cruz, a cruz dos templários, e a corda na fieira das cabanas, estilizada ao depois de tantos séculos na lavrantaria vicentista e nas construções manuelinas Ali, no tam penoso amanhecer da espiritualidade humana, o bárbaro, que combatia de cabeça descoberta e usava longas tranças, acoitado como águia nas anfractuosidades da rocha, em horas de calma de uma independência feroz, contemplaria, mono de rija fibra, o céu e a terra. Como tudo lhe pareceria difícil e profundo! — o curso do sol, morrendo e nascendo com regularidade serena, o pespontar das estrêlas no vasto manto da noite, a carícia do dia e a treva lúgubre, a neve do inverno e o terrível calor dos estios, a vida e a morte.

Lázaro encontrava ainda, no lavrador cabeludo e pertinaz, a sobrevivência dêsse homem antigo, que morara encastelado nos picôtos do monte.

Descera com o romano a agricultar os campos limosos. Lentamente, agarradamente, penetrara e difundira-se pelo vale. Na lomba da encosta marcara, de socalco em socalco, a escada que descera. De novo britara a sua casa - onde era a terra era o lar—a terra bem-amada, que dos píncaros se desdobrava em parcelas de milho e de vinho, o pão da sua fome e a água para a sua sêde. A sua própria servitude e adscrição glebar designam o instinto da fixidez no solo.

Agora ama-a com um mais consciente amor. Não é só o passado. Não é só a liberdade E' uma condiçao da liberdade. Sem terra, não há pão. Sem pão, não há vida. E' o seu amanho, e o amanho de seus filhos. Consquistado pelas hostes de Roma, torna-se em conquistador. A si pertence aquele magnífico império que vai arroteando. A sua conformidade a essa nova civilizaçao é um laborioso ensino, em que defende a sua própria, em novos rumos, contra as alheias. As legiões passam. Despenham-se as torrentes germánicas. Mas êle

A GRANDE MENTIRA

Ao Dr. Américo Durão, o maior poeta da geração moderna

Quando penso na vida e me concentro
A idealisar um mundo novo e belo,
No meu peito ensuina-se o desvelo
De o desprovir de tudo o que tem dentro.

Enervado, febril, calculo um centro
Que dê a perif'ria dêste anhelo
Falso, indeciso e vago;—e conhecê lo,
E' dificil problema em que não entro.

Mas, ai, a vida—sobressallo imenso —,
Entividece dum palôr intenso
E esvai-se, amolecida, num coval;

Consome-se a ideia—abstração,
E, ao impulso dum pobre coração,
Funde-se na mentira Universal!

1930. L. COELHO.

---

quêda. Vencido, é sempre o vencedor. Anda sujeito às exacções dos ovençais, às arremetidas e espoliadoras do senhor, à versátil mudança dos donos, aos caprichos da política, da conquista, da paz e da guerra. Constante a si mesmo e à terra, êle firmou Servo, liberto, ingénuo, adscrito; servo ou liberto; herdador ou reguengueiro; arrendatário ou aforante; rústico ou «vilão da vila»—ao que tende é a apropriar-se do direito de habitar aquela choupana de seu abrigo e a laborar aquelas agras de seu sustento, a enraïzar-se ali, sob a luz amiga do mesmo céu, entre a manada do gado e o rancho dos filhos. O seu drama de obscuro urde-se na simplicidade tenaz. Não é a águia, é a formiga. Não é o heroísmo, é o ânimo perseverante. Não é o banquete, é a malga de caldo.

Mas o arado não entorpeceu o braço do lidador valente. Numa sociedade complicada de problemas estéreis e roída de ambições loucas, não só granjeia, mas é tambem, quando acontece, aquele que combate. Obedece, porque vem da sua condição. Dentro de si, em seu destino, só êle manda. Serve, para ser senhor—os outros, pela pressúria, do título e das rendas; êle, pelo sacrifício e canseira, do palmo de semeadura que, para lhe pertencer, lhe não pertence. Sumido na escravatura, para ser e ficar escravo da terra, criou e mantém, na doblez colectiva, uma liberdade individual verdadeiramente indomável. A nossa liberdade tem sido defendida pelo seu amor da liberdade, como a nossa fôrça é musculada na sua fôrça. Em transes aflitivos, como quando apontaram as invasões francesas, ou nos delírios da fé, que, no seu desdobramento místico, são ainda tambem a ânsia de liberdade de seu espírito, nas suas romagens de mais pura devoção, no alardo ou na romaria, na alegria ou na desgraça, torna a subir a escarpa ancestral—ao pátrio monte da sua independência e da sua individualidade. Na alma do rude lateja o sonho do velho argonauta—estará em Ceuta, na India ou no Brazil, e, acabado o mundo, a sua incomprimida febre de labuta, nasce-lhe o desejo de correr aqueles vastos mares de terra, que enxerga das cumieiras, e os mares de água que o aventurarão a novos mundos ignorados... donde, saudoso, volte um dia ao ninho do seu amor.

Eduardo d'Almeida

Excerto do livro
«Vida de Sombras»

Rodrigo Rodrigues dos Santos

Na passada quarta-feira esteve nesta cidade o Ex.mo Snr. Rodrigo Rodrigues dos Santos, redactor-regionalista do jornal a «República», que aqui veio organisar uma página regionalista para aquele esplêndido diário da tarde.

S. Ex.a que foi recebido com todas as deferencias pela Comissão dos Amigos da «República», foi bem sucedido na sua delicada missão.

Acompanhado ora por uns ora por outros, com os snrs. Bernardino Jordão, Capitão Manuel Henrique de Faria, Tenente Albano Cruz, L. Coelho e Alberto Gomes da Silva Guimarães, visitou não só os museus citadinos como a nossa bela estância de Turismo—a Penha.

Seguiu para Gaia, onde espera organisar também uma página.

«A Velha Guarda» saúda-o efusivamente, tanto mais que se trata dum correligionário que desinteressadamente pugna pela expansão do nosso primeiro jornal de propaganda.

Escola das Dominicas

Principiam no próximo dia 6 as aulas desta esplêndida escola, instalada no antigo Convento das Domínicas.

E' sua professora a Ex.ma Snr.a D. Beatriz Ribeiro de Andrade, esposa do nosso amigo snr. Capitão Antonio Vieira de Andrade, e dadas as belas qualidades pedagógicas daquela senhora, de esperar é que aumente consideravelmente a freqüencia.

Lêde e propagai "A Velha Guarda"

Notas à margem

De Guimarães

(Na *História de Portugal*, edição monumental da Portucalense Editora, Ld.a, de Barcelos, *Organização Económica* por *J Lúcio de Azevedo)* «Por vezes nessas aglomerações (povoados rurais, à volta da mansidão senhorial, castelo ou mosteiro) surgia o burgo, de que era a característica manterem-se os habitantes de suas artes rudes, e do incipiente comércio, e não da exploração da terra, reduzida a indústria acessória. Pôrto, Guimarães, Lorvão, Arouca, Mesão Frio pertencem a esta espécie. Nêstes lugares, quando formam município, o prédio urbano é a base da tributação, o que os distingue do concelho rural, tributado na lavoura».

«As povoações importantes da época romana persistiram nos períodos visigóticos e mulçulmano e após a reconquista. Guimarães, Braga, Coimbra, Santarém, Lisbôa, Beja, Evora, Silves, ainda outras, conservaram através de vicissitudes o feitio urbano, e com êle os reziduos da civilização perdida no torvelinho envolvente. Nêsses aglomerados não morriam as pequenas indústrias, e continuava a exercitar-se o comércio».

«Em setenta lugares, que no concelho de Guimarães são cabeças de freguesias, verificou *Gama Barros* que pelo menos sessenta existiam com os nomes actuais em 1220, quando se fizeram as inquirições».

As eleições na Alemanha

Para nós, que vemos talvez o caso de entre o povo que enfileirou na Grande Guerra, o resultado das eleições na Alemanha vieram irrefutavelmente demonstrar a profunda razão das apreensões de *Clémenceau* e a segurança política e internacional do seu critério.

O *Pai da Vitória*, o *Homem*, o grande *Político*, era dotado de uma rara sagacidade, lúcida, penetrante, visionária, aliada a uma energia sempre moça e inquebrantável. A Alemanha não desarma, não pode fazê-lo enquanto não alterar a sua mentalidade. Uns, como *Ribeiro de Carvalho*, o esforçado combatente, ilustre jornalista, acentuam o avanço dos princípios democráticos. Será assim. Outros, como *Agostinho de Campos*, frisam que venceram os três misticismos do nosso tempo—fascista, socialista, bolchevista. Será assim tambem. Mas evidentíssimo é que graves acontecimentos se avisinham tanto em relação à estrutura interna, como ás relações sociais dos povos da Europa.

A cidade de Guimarães e a visita dos Congressistas

Não temos dúvidas quanto à forma, tradicionalmente fidalga, como a cidade de Guimarães saberá corresponder à altíssima honra que nos confere a visita dos ilustres sábios do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-Histórica. Estarão engalanadas de cobertores de damasco as ruas do trajecto, as nossas gentis senhoras não se esquecerão de os receber sob uma chuva de flôres. O povo há-de saudá-los com entusiásticas salvas de palmas. Repicarão os sinos das torres. Em toda-a-parte onde aparecer um congressista será tratado com urbanidade e gentilêsa. E a polícia cumpriria o seu dever, para que lhe chamamos a sua atenção—evitar ajuntamentos que prejudiquem o transito, impedir energicamente o assalto do garotio e a degradante vergonha da pedichice. Isto é essencial. Essencial.

Novidade litetária

"VIDA DE SOMBRAS"

novelas por Eduardo d'Almeida

Festas comemorativas do 5 DE OUTUBRO

Bôdo aos pobres — Romagem ao Cemitério — Abertura solêne da Escola Nocturna do Centro Republicano—Inauguração do placard do jornal «República»

A Comissão dos Amigos do jornal a «República», a que preside o antigo deputado e ilustre escritor, Ex.mo Snr. Dr. Eduardo de Almeida, tendo como colaboradores os Ex.mos Snrs. Bernardino Jordão, Dr. José Pinto Rodrigues, Alberto Gomes da Silva Guimarães, Capitão Manuel Henrique de Faria, Luis Cândido Lopes e Alfredo de Souza Felix, desejando comemorar a gloriosa data do «5 de Outubro» e como representante da União Republicana, tomou para si o encargo de a efectivar e reüniu expressamente no Centro Republicano, desta cidade, afim de levar por diante um desejo que é o de todos os republicanos vimaranenses.

Elaborou o seu programa, na verdade simpático e digno da hora que passa, que constará de um bôdo aos pobres, uma romagem ao Cemitério, a abertura solene da Escola Nocturna do Centro Republicano onde dirá duas palavras o ilustre Presidente da Comissão, snr. Dr. Eduardo de Almeida, e inauguração do *placard* do jornal a «República». Não podia ter resolvido melhor a digníssima Comissão dos Amigos da «República», pelo que é digna de todos os elogios e dos nossos sinceros aplausos. Guimarães comemorará a data do advento do regímen com manifestações que, por singelas, teem um alto significado moral e republicano.

De esperar é, com um pouco de sacrifício de todos nós, que os republicanos concorram com o seu óbulo para estas manifestações que só proveito nos trazem, manifestações de regosijo, é certo, mas também de reconstrução social e de saudade.

E já que se falou na abertura solêne da Escola Noturna, há que salientar o nome do distinto professor primário, snr. *Jerónimo Ferreira Botelho*, caracter de rija têmpera e alma de republicano impoluto, que, no ano findo, com uma paciência digna dos nossos maiores elogios e do maior respeito, conseguiu sustentar um curso de 40 alunos, dividido em duas turmas, ensinando desde as primeiras letras até à quarta classe, sem que um centavo tivesse recebido.

Devem os republicanos pôr os olhos nêste exemplo de amôr pela causa republicana, e auxiliar aquela escola como se se tratasse dum santuário bendito—o do pão do espírito—onde o Professor Jerónimo F. Botelho, que não é criança, dá lições de civismo e de altruismo.

Justo será, que na abertura da nossa Escola, as palavras de elogio lhe sejam dirigidas de maneira a incitá-lo a continuar naquela obra de instrução que o ano passado foi iniciada.

* * *

A matrícula iniciar-se-há depois do dia 5, sendo feita gratuitamente, na séde do Centro Republicano, desde as 20 1|2 horas, e nela serão incluidos todos os filhos dos liberais.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Número especial do 5 de Outubro

Comemorando o advento da República, publicaremos no próximo domingo um número especial de «A Velha Guarda» e para o qual contamos com variada colaboração.

"Reporter X,,

O nosso amigo e Snr. Reinaldo Ferreira, mui digno director do semanário lisbonense «Reporter X» foi há dias vítima da ira de alguns indivíduos a quem desagradava o relato de certo caso passado com os mesmos.

Como não concordamos com a forma como se pretende desmentir acusações fundadas ou infundadas, aqui lavramos o nosso protesto e enviamos a Reinaldo Ferreira um abraço de solidariedade e aplauso, por sabermos que, apesar das ameaças que lhe foram feitas, promete continuar a desfiar as *meadas* dos mesmos cavalheiros, no que revela uma grande altivez e nobreza de caracter.

Ainda o falecimento de Paulo Lôbo

Por lapso, em o nosso último número, não tornamos extensivo o nosso pesar ao nosso correligionário e tio legítimo do falecido, snr. Francisco Pereira Leite M. Pizarro, pelo que vimos fazer a respectiva rectificação, pedindo desculpa da omissão que não foi propositada.

Propagai "A Velha Guarda"

Block-Notes

QUINTA DA HERDADE

Neste aprazivel logar de repouso e bem estar, que é a Quinta da Herdade, encontra-se desde ha dias o seu proprietário e indefectivel republicano nosso amigo Snr. Arnaldo Alves de Freitas, em companhia de seu estremoso filho Guilherme.

—De visita ao Snr. Arnaldo Freitas, encontra-se na Quinta da Herdade, o Snr. José Simplício Luiz Viana, dig.mo tesoureiro do Banco de Portugal em Lisboa, nosso amigo e grande republicano

DOENTES

Encontra-se doente, o nosso amigo e correligionário, membro da Comissão Municipal do P. R. P. Snr. Domingos Leite Correia Azenha, a quem desejamos um rapido restabelecimento.

PARTIDAS

Partiu para a Povoa de Varzim, com Sua Ex.ma família, o nosso amigo e correligionário Snr. Casemiro Gonçalves Ribeiro.

CHEGADAS

Regressaram da Povoa de Varzim, com Suas Ex.mas famílias, os nossos amigos e correligionários Snrs. Joaquim Salgado e Antonio Barbosa de Abreu Guimarães.

—Encontra-se entre nós o nosso amigo e correligionátio, Snr. Alberto Mario Leite, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Assinai 'A Velha Guarda'

Lute-se...
mas com serenidade

Lutar é viver.

A luta é sinal, é índice de vida, intensa.

Um povo apàticamente concorde com todo o elíxir salvador, com toda a panaceia redentora é um povo sem vontade própria, sem consciência, sem discernimento; um povo inerte e automatizado.

Porém para lutar-se é necessário autoridade e saber; é necessária a virtude e a inteligência.

E uma das virtudes mais requeridas na alma complexa de um lutador, seja qual fôr o caracter da luta é indubitávelmente a serenidade.

Concomitantemente, implicada com uma arreigada confiança na eficácia dos seus processos: é condição indispensável, para que a serenidade exista, que a justiça e a razão estejam do nosso lado, e que a nosssa consciência proclame altissonantemente o direito que nos há-de dar a vitória, quando a luta se desenrole especialmente no campo das ideias.

E' consolador verificar-se a admiração pelo gesto sereno, argumentação convincente a atitude confiante daquêle que entra na liça, na certeza de que combate por uma causa justa e plena de elevação.

O contraste, a dar-se, é confrangedor; e desola o espectáculo oferecido pelos contendores: gestos descompostos, atitudes ridículas, se discutem oralmente; cartas, comunicados, artigos de redação impetuosa e agressiva, se a luta se desenvolve nos prélos.

Síntese: gaudio para quantos assistem a êste espectáculo quási sempre revestido de comicidade.

Quando a luta se trava na arena das ideias, então o riso de desdém da assistência enfurece-os e é vê-los a socorrerem-se de todos os meios e engenhos para subtraírem-se ao escárneo e à chacota dos circunstantes.

A calúnia repelente é brandida como gládio triunfador; a mentira espalhafatofa é lançada como dardo fulminante; com a argumentação disparatada diligenciam estabelecer a confusão, para recolherem simplesmente um riso escancarado e um gesto ennojado da parte daquêles que, presenceando tão lamentável falta de tino, tão reprovável isenção de compostura, levam tal scena à conta de espectáculo dolorosamente repelente.

E' por isto que sempre aconselhamos prudência e ponderação e continuamos a votar uma infinita admiração pela - Serenidade.

Vidago, 11—9—930.

Prof. Jerónimo F. Botelho.

Assinai «A Velha Guarda»

Prosa rústica

Luar de Agosto

Noites cálidas.

O tom pálido da luz difundida pelo astro soberano da noite infunde uma paz enternecedora: e quási comovente é o silêncio da Natureza abrigada sob um docel salpicado de brilhantes lantejoulas.

Na imensidade azulada de um céu formosíssimo parece-nos divisar um ténue, transparente e delicadíssimo véu tecido pela Lua, que de quando em vez fluctua e deslisa, acariciado por leves aragens, pela amplidão do firmamento.

No solo, as ondulações do terreno projectam sombras de gigantes adormecidos; e o arvoredo, na pujança do seu copado, desenha danças fantasistas ao sôpro da viração.

A água das poças e tanque das hortas e milharais compraz-se em receber o suave beijo do luar e reflectir no seu fundo o brilho resplandecente das estrêlas que o cortejam; os raros fios de água entre as encostas avultam o seu doce murmúrio para o transformarem em cântico melancólico.

O namorado, fatigado de esperar pela treva, solta aqui pelo norte a quadra de certo sabor apostrófico:

O' luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
Estou á porta de quem amo,
Não posso entrar contigo.

E a Lua continúa indiferente e invectiva — semelhando a nossa avózinha com a sua enorme rócada nas interminaveis noites de inverno—qual fiandeira ignota, a fiar o pano azul do ceu.

Mais além, uma noiva, mais bucólica e conformada com a tranqüilidade cândida da Lua, suplica-lhe, acarinhadora, que lhe teça o véu imaculado para o seu casamento com as estrêlas que a aureolam.

E, invocando D. Adalzira de Bitencourt, implora:

Ai! Tece-me também as mais finas cambraias,
De nuvens tens no ceu esplêndido linhal.

E' preciso fazer as minhas saias,
E' preciso fazer meu enxoval!
Pois eu vou-me casar,
E desejo ir vestida,
Querida,
Com fazendas tecidas de luar...

Trás-os-Montes—Vilas Boas,
Vidago, 31—8—930

Prof. Jerónimo F. Botelho.

Revista mensal ilustrada de Avicultura

Recebemos a visita desta bem elaborada quão utilissima revista, que agradecemos e com quem vamos permutar.

Publica-se em Lisboa sob a competentissima direcção de G. E. Carvalho de Almeida, Engenheiro Agrícola, R. Alves Correia, 10-2.º.

Sumário do 1.º número:

O nosso objectivo—A avicultura de rendimente—Aos nossos leitores —A galinha Gasconne ou Garonnaise—Alguns conselhos para o bom êxito da incubação artificial—O Parque Avícola de Compiégne—A secção avícola da Exposição Regional de Setubal—A creação do pombo correio—O coelho borboleta — A agricultura e a mão de obra—Castração dos coelhos—Vinho de laranjas—Incubadoras modernas — Publicidade — Alterações e conservação dos ovos —Ilustrações—A Tuberculose das aves—A alimentação dos coelhos — Colaboração literária e fotográfica—Amigos da Revista—O míldio e o vinho—Consultas, etc.

CAÇA

Comissão Venatória Demissionária
Eleição. Barbas e bigodes. Espiões

Não posso deixar de prestar homenagem à Comissão Venatória Concelhia demissionária pelos relevantes serviços prestados aos caçadores. Se, por vezes, se mostrou dura na sua forma de fiscalizar, assim era necessário e estou certo que, se a referida Comissão estivesse mais um triénio com o seu mandato, nós, os caçadores, muito gratos lhes teríamos de ficar pelo muito que teria feito; e estou certo tambem que faria, porque tinha à sua frente pessôas com uma só vontade e verdadeiros conhecedores do papel, embora espinhoso, que vinham a desempenhar.

A êles devemos a grande abundância de coelhos, como nunca houve nos nossos montes; pois que algumas caçadas se fizeram na Penha em que foram abatidos, pelos diferentes grupos, mais de 400 coelhos no primeiro dia de caça. E' uma sôma interessante.

* * *

Foi no passado domingo que se realisou a eleição dos corpos gerentes da Comissão Venatória Concelhia. Apareceram duas chapas: uma patrocinada pelo Club dos Caçadores, e outra por transgressores directos ou indirectos da Lei de Caça. Venceram os segundos porque os primeiros, ajuizadamente, não a quizeram anular, pelas várias deficiencias que se verificaram.

Nêste jornal apreciaremos sem paixão, e indiferentemente, a forma de proceder dêstes senhores, supondo no entretanto que alguns dos seus membros não acabarão o triénio conforme a Lei.

* * *

Alguns dos indivíduos que trabalharam para ser eleitos na nova Comissão, propalaram aos sete ventos as suas barbas, argumentando que os rapazes eram incompetentes e imberbes e que só fariam asneiras...

Muito bem.

Nós, os rapazes que nos propuzemos para êsse cargo,—que para quem quizer trabalhar, acomula grandes responsabilidades—, tinhamos um fim em vista: procurar lêr bem a cartilha dos demissionários e seguir inteligentemente os seus passos; e creiam, que saíriamos de lá igualmente mal vistos por indivíduos que se julgam caçadores, mas apoiados pelos que o sabem ser.

Alguns dos caçadores que propalam as suas *barbas*, despresando a seu modo de vêr os *imberbes*, depois de serem aclamados membros da referida Comissão Venatória, foram rejubilar-se numa caçada à Penha onde foram abatidos vinte e seis coelhos e uma perdiz.

Até aqui está certo.

O que não concordo e faz um perfeito contraste comnosco, é que êsses senhores transgredissem a Lei após a sua aclamação e no primeiro dia de caça.

E' extraordinário!

Esqueceram tam rapidamente as suas barbas brancas; não existem já?

Reparem, senhores!...

O artigo 14.º do Decreto n.º 18.725, diz que é proíbido caçar com matilhas de mais de 20 cães, embora pertencentes a diferentes caçadores; e formar linhas com mais de 10 caçadores.

Ora o snr. Vice-Presidente esqueceu-se de ter lido o artigo 14.º. Não admira, as «barbas» vieram para nós *e para êles foram os* «bigodes».

* * *

Na minha fraca opinião porque não conheço psicologia, julgo que um espião é um ser absolutamente anormal; qualquer pessoa, nem que se prepare para tal fim, desde que o seu temperamento não esteja de acordo, julgo que não poderá ser um perfeito espião.

Para ser um ótimo espião é indispensável: ter bôas relações, ter maus instintos, não ter coração, ser imbecil e canalha, pouco inteligente e manhoso.

Não haverá alguem que possuindo êstes predicados se possa oferecer para aquêle fim?

?!...

E' lamentável!

Guimarães, 18—8—1930.

GASPAR PIMENTA.

NOTICIAS ESCOLARES

Senhor Redactor das «Notícias Escolares», e meu caro Camarada:

E' com mágua que o vejo empenhado na réplica ao professor Soares, de Moreira de Cónegos, assim como aborrecidamente a êle me refiro hoje, em exclusiva e nobre satisfação ao público.

Alguém me afirma,—e eu tenho-o como absolutamente necessário á sua ridícula inópia de conhecimentos,—que aquêle escrito, a que ambos vimos aludindo, não é da sua autoria, mas sim do *homem* dos *óculos*, das *ferraduras*; e tal escrito, conquanto absolutamente mazorral, é no entanto simplesmente apreciável como a *aparatosa* **máscara** que alguém forneceu para encobrir a rial esterilidade do pobre espírito do Soares!

E se não fôra aquela declaração,—já devidamente escalpelada pelo meu confrade e amigo,—em que êle tentou e *conseguiu* que os pais d'alguns dos seus alunos *solene e publicamente* o **desclassificassem** como educador e instrutor oficial, se não fosse isso, a nossa ideia sobre o *professor* teria sido talvez um nadinha favorável, já que, como *homem*, o sabemos incompatibilizado com tôda a sociedade, tal a delituosa depressão do seu caracter como o mais emérito caluniador, já utilmente entregue aos tribunais!

O certo é que o Soares foi na arêna de «A Velha Guarda» um verdadeiro cabeça de turco, e as suas arremetidas, tão furiosas como dum veemente aparato, foram *lidadas* pelo meu caro confrade com um ardor verdadeiramente artístico, somente próprio do mais afamado *diestro*.

Algumas das *marradas* foi de encontro á trincheira, sendo, pois, desnecessário observar-lhe que as *meças* com a minha gente o lançam ao *almargem*, num desconfronto de flagrante inferioridade sua.

Como são intratáveis êstes brutinhos, quando se arrogam as mais ridículas presunções de finos!

Havendo consumido o seu tempo no engenhoso amanho das mil calúnias contra o agora ilibado *chefe postal* de **Vinhas**, como queria êle ministrar proficuamente ás creanças o pouco que sabe?

Como havia êle de habilitar os seus alunos, se outra parte do seu tempo era destinada a dirigir, perante os mesmos, os maiores insultos a pessoas da maior respeitabilidade?!..., tendo até chegado algumas queixas nêste sentido ao digno Inspector Chefe!

Vamos a ver se, em futuros anos, o seu trabalho redunda numa feliz realidade d'efeitos, e só assim poderá merecer os honorários que inanemente está percebendo...

A continuar pela mesma senda, se é certo que, pelo que *percebe*, viverá *sem fome*, tambem pela sua proverbial esterilidade morrerá **sem fama!**

Aceite o meu caro confrade os afectivos cumprimentos do

Alcindo Dias Pereira

Vilavêrde, 20—9—930

O suor dos pés

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 aplicações de

«TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis

e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12$00 em todas as farmácias

DEPÓSITOS:

Lisbôa — Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º.
Porto — Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.
Coimbra — Centro Comercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;

CORREIA DE MELO
Praça Municipal, 11 — Braga

Não demorem a sua inscrição de sócios na
A. S. M.
"A PREVIDENTE"
Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:
Assemb. Geral—*Dr. José Figueira d'Andrade*, advogado
Cons. Fiscal—*Dr. Guilherme Machado Braga*, médico
Direcção—*José Pinheiro*, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobreviencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessôa a quem o socio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes à data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivência

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidos na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO
TELEFONE 4.750

Aceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:
O sócio correspondente—Alberto Gomes Alves
Rua da República, n.º 85.

Bernardino Jordão, F.os & C.a

Representantes
dá Sociedade Comercial Philips Portuguesa
Rádio : : Iluminação
Stock dos afamados óleos «EAGLOIL»
da casa H. Vaultier & C.a
Agentes da mais antiga das Geleiras electricas
para uso doméstico «KELVINATOR»

Fábrica Manual de Calçado

Jordão & Castro, L.da

Fornecedores

das melhores casas do país.

Banco do Minho

(Fundado em 1884)

Capital: 8.000:000$00 Fundos de reserva: 7.814:848$07

SÉDE EM BRAGA

Filiais em Lisboa e Porto. Agencia em Guimarães

CORRESPONDENCIAS

em todas as principais terras de Portugal e em todos
os paizes da Europa e da América
Faz todas as operações bancarias
Encarrega-se da administração de bens,
liquidação de heranças, etc.
em qualquer parte do Brazil, ás taxas mais favoráveis
para os seus Ex.mos Clientes